

6

Considerações finais

Segundo as informações apresentadas ao logo deste trabalho, vimos que a participação de ambos os genitores é hoje reconhecida como fundamental para os cuidados com os filhos. As funções de pai e mãe são complementares e imprescindíveis para a prole. Mesmo com todas as transformações sociais, que algumas vezes mostram estes papéis como relativos, acreditamos que estas duas funções necessitam estar bem definidas para os filhos, pois é de extrema importância para o seu desenvolvimento e para a formação de suas personalidades. Desta forma, notamos que a proposta dos pais diádicos, que explicamos no capítulo três, seria a mais adequada para a criação dos filhos, pois implica a participação do pai e da mãe da forma mais igualitária possível.

As mudanças ocorridas nas conformações das famílias contemporâneas, principalmente no caso de separações e divórcios de casais com filhos, tornaram necessário o surgimento de um novo modelo de guarda infantil. A Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança, de 1989, instituiu o direito desta ser educada efetivamente pelo pai e pela mãe. Passou-se a questionar os efeitos negativos que o afastamento de uma das figuras parentais pode acarretar para os filhos, principalmente o enfraquecimento do vínculo entre pais e filhos, mais especificamente da figura paterna que é normalmente quem se afasta. Com o avanço destas discussões, diversos países europeus e os Estados Unidos da América passaram a adotar um novo modelo de guarda para os filhos, denominado guarda conjunta ou guarda compartilhada. Este modelo propõe a participação tanto do pai quanto da mãe em todas as decisões referentes aos seus filhos, visando garantir a participação efetiva e igualitária de ambos, de forma a manterem um contato permanente e co-responsável com seus filhos após a ruptura conjugal.

Ainda no campo jurídico, notamos que o chamado pátrio poder, que centralizava todos os poderes e direitos na figura do homem/pai e seu encargo como chefe de família, passa a ser nomeado poder familiar. Desta forma, as leis parecem estar se transformando para dar conta dos novos arranjos familiares e dos diversos tipos de relações conjugais. Esta lei estabelece a igualdade de direitos e deveres para homens e mulheres, de modo que ambos detenham o poder familiar.

Assim, a responsabilidade de criar, educar, guardar, manter e representar os filhos é do casal parental. A família atual é a que se forma pelo afeto, através do convívio entre seus membros e não mais através do casamento com a finalidade puramente patrimonial e procriativa.

O homem e o pai da modernidade possuíam características bem definidas, sobre as quais não eram tecidas discussões ou relativizações. O estereótipo comum atribuído ao masculino era o do macho protetor e provedor financeiro. A imagem que se tinha de pai era comparável à dos grandes patriarcas da história que ostentavam tais valores e são também considerados fundadores da cultura e das religiões. O respeito por parte dos demais membros da família era uma exigência incontestável, o domínio do patriarca sobre o grupo familiar nuclear ou mais extenso era patente. Este pai estava no topo de uma hierarquia, estando abaixo apenas dos poderes do governo e de Deus.

Na pós-modernidade, com o advento de uma série de transformações sociais, especialmente com a crise da masculinidade, os valores atribuídos ao homem encontram-se em terrenos movediços. Não há mais clareza quanto ao papel que devem ocupar ou à forma como devem se comportar em muitas de suas práticas cotidianas. Uma das mais importantes destas tarefas é a participação na criação dos filhos, função para a qual os homens estão sendo cada vez mais convocados. Assim, o homem pós-moderno que tem filhos apresenta-se de forma diferenciada dos pais das gerações anteriores. Por estarem os homens vivendo um momento de crise, o comportamento do pai apresenta uma série de ambiguidades, contradições e conflitos.

Notamos que é necessário um longo processo de elaboração em nível psicológico para construir a ideia de paternidade. Vimos como o pai da atualidade caracteriza o pai do passado como um pai que impõe autoridade, que está distante emocionalmente e ligado às ações disciplinares. Desta forma, faz-se necessário refletir sobre o próprio pai e os modelos preexistentes de pai de modo a possibilitar ao homem contemporâneo a construção de sua própria paternidade de maneira mais efetiva e íntima junto à sua família.

A paternidade diz respeito a algo construído, é uma experiência que ocorre a partir da troca com o filho. Para o exercício da paternidade, os homens precisam resgatar as vivências com seus próprios pais. Muitas vezes os pais procuram definir seu papel de pai referindo-se e comparando-se com seus próprios pais e

nas relações que tiveram com eles na infância. Embora o modelo que tiveram de pai seja importante para a construção da sua própria paternidade, não era suficiente para mostrar-lhes como ser pai na pós-modernidade.

Quando não ocorre a transformação necessária para a vida adulta, há um predomínio da psicologia do menino, conforme explicamos em capítulo anterior. Os homens adultos que não amadureceram de forma completa, sofrem consequências nas suas vidas pessoais e também geram fenômenos na sociedade, dos quais podemos destacar os comportamentos de atuação agressivos e violentos em relação aos outros, a passividade, a fraqueza, a incapacidade de agir de forma eficiente e criativa em relação à sua própria existência. Levantamos o questionamento de que faltam modelos de referência para os homens seguirem na sociedade atual. Possivelmente esta falta está atrelada a ausência dos rituais de passagem que não são mais bem delimitados. Como vimos, em outras sociedades, a passagem do menino para o homem e do homem para a condição de pai é sempre bem demarcada, por uma série de regras e comportamentos que todos devem seguir.

A imagem consciente do pai, aquela que faz o homem acreditar que é pai, muda com rapidez. De forma oposta, os arquétipos possuem um caráter mais permanente e atuam e nos guiam das profundezas do inconsciente. Percorremos alguns textos que buscam identificar como o arquétipo do pai se constela indo além do modelo patriarcal e permitindo vislumbrar uma identidade masculina menos polarizada. Discutimos a ideia de que uma maior integração dos homens com sua alma possibilitaria novas formas de elaborar as questões referentes ao ser homem e pai na atualidade. Portanto, o próprio Jung, e alguns de seus seguidores, reforçam esta ideia de integração da anima na psique masculina. Porém, outra posição marca que só esta integração e vivência dos aspectos femininos não é suficiente. Faz-se necessário um retorno ao masculino original.

Até que ponto pode ser questionado o comportamento autoritário do pai do passado? Sofremos na atualidade justamente uma falta de autoridade do pai, tanto no nível individual quanto no coletivo, que apresentam mudanças positivas e negativas. Vivemos em uma sociedade na qual não há imposição de limites bem definidos. Estas novas vivências possibilitadas ao homem e pai pós-moderno não são sem consequências. Como propusemos no último capítulo há uma possível inversão entre sombra e persona dos pais moderno e pós-moderno. A autoridade

era uma das características mais sobressalentes do pai moderno, estando, portanto, bem definida em sua persona. No pai pós-moderno esta imposição de autoridade parece ter sido relegada à sombra, ficando embotada. Uma situação comum ao pai da cultura urbana e burguesa é que se comporte mais como amigo que como pai de seus filhos, dispensando-se de impor limites.

No capítulo quatro, abordamos a questão do resguardo ritual, na qual os homens de diversas sociedades cumprem obrigações e proibições, principalmente durante a gravidez e o momento do parto de seus filhos. Acreditamos que possa existir ligação destes procedimentos com uma atuação da sombra. Como vimos, a sombra é um problema de ordem moral que pode desafiar a personalidade de uma pessoa. Quando o homem vivencia os rituais do resguardo, poderia estar ao mesmo tempo tomando consciência de aspectos obscuros de sua personalidade. Estes aspectos estão impregnados de carga emocional e possuem um certo grau de autonomia. No momento em que o homem espera um filho de sua esposa também ocorre um descontrole de suas emoções, as quais ele se entrega. O ritual pode funcionar como uma forma de controle e ajuste dessas emoções desconhecidas que estariam sendo vivenciadas pela primeira vez.

O interesse pelo estudo do papel masculino na família indica uma posição de reflexão e questionamento das relações conjugais e familiares, desta forma incentivando maior implicação do pai com a família. A sociedade brasileira, assim como as ocidentais de uma forma geral, se caracteriza ainda pelo modelo patriarcal. No entanto, embora a importância do envolvimento masculino com a família esteja largamente difundida, o novo pai não parece corresponder ao que se observa na realidade. Possivelmente será mais fácil o estudo deste no futuro, quando a posição incerta dos homens e pais de hoje já estiver assentada sobre bases mais sólidas.